

TRISTEZA

Fui outro dia ao Monte Carlo, grimpado na montanha, sobre as águas da Lagoa, onde Paulo Saldade e Fernando Lobo organizaram um "show" de qualidade, iluminado pela graça de algumas jovens realmente belas. O Grande Otelo, artista como sempre, brilha em seu número. Confesso, porém, que em certos momentos (na primeira noite; não sei se continua assim) as palavras do negro assumem, no meio de toda a brincadeira, um trave de ressentimento racial ou social que, justo ou não, destoa de uma atmosfera de "show" de "boite".

Ontem à noite fui a outra "boite", em que Josephine Baker sábiamente esconde as suas pernas outrora miraculosas e seu corpo outrora empolgante em belos vestidos de Dior. Ela domina tranquilamente a platéia — cantando, evoluindo pelo tablado, dizendo coisas. E são coisas cheias de graça, que ela diz com muita classe; mas aqui também, quando Josephine fala de amor e do passado, e se refere à sua idade, há uma nota de tristeza que não me parece nada estimulante.

Está claro que "show" não é teatro, onde cabem todos os sentimentos e fica tão bem o drama quanto a comédia. Será que a vida anda ficando tão triste que até nos lugares de prazer ela infiltra o seu amargor e a sua melancolia? Ou eu é que estarei ficando mais sensível — fisicamente incapaz, por exemplo, de comprar o último número dessa revista habitualmente bela só porque sua capa, no lugar de alguma coisa sedutora ou alegre, mostra um senhor de idade tomando banho de mar, e com esta legenda tristemente mentirosa: "a vida começa aos 70"? Mas a verdade é que a letra dos sambas e dos "blues" também fala de coisas tristes, miséria, desengano, saudade, desprêzo; e nem por isso tais tristezas aborrecem ninguém, antes embalam a criatura e ajudam a levar a vida.

Há alguma coisa de errado nesses "shows" e nessa revista ilustrada: que eles nos contem coisas, mesmo coisas melancólicas, mas sem instilar essa "apeçada e vil tristeza", que nas ruas do quotidiano a gente já encontra demais.

27/6/52 R. B.